



CARLOS ALBERTO PRATES NO TRABALHO



CRIULO DOIDO É COMÉDIA MORALISTA

"Um filme moralista, de um branco sobre um negro". Esta é a definição de Carlos Alberto Prates, ex-crítico de cinema em Minas Gerais e um promissor curtametragista, para seu primeiro longa, *Crioulo Doido*, recém-terminado. Jorge Coutinho, bom ator de TV e cinema, é o crioulo doido do título, liderando um elenco onde aparecem: Selma Caronezzi, B. de Paiva, Jorge Botelho, Ricardo Teixeira de Salles, Rodolfo Arena, José Aurélio Teixeira, Ezequias Marques, Ronaldo Medeiros e Rogério Soares.

Comédia próxima da fábula, *Crioulo Doido*, ainda segundo seu autor, é uma fita "alegre, às vezes inconseqüente, sobre o problema da ascensão de um negro no Brasil". Totalmente rodada

em Sabará (Minas Gerais), a película foi escrita pelo próprio CAP, fotografada por Tiago Velloso (*Matou a Família e Foi ao Cinema* Um Anjo Nasceu) e montada por Gilberto Santeiro, que faz sua estréia na montagem de longas.

Carlos Alberto Prates iniciou sua carreira como crítico em jornais de Belo Horizonte. Sua primeira experiência prática foi de continuísta em *O Padre e a Moça*. Em seguida, fez o curta-metragem de ficção *O Milagre de Lourdes* e o episódio *Guilherme*, do longa *Os Marginais*. Foi também assistente de direção em *Macunaima*.

FC — Qual é a história de *Crioulo Doido*?

CAP — *Crioulo Doido* é a história de um crioulo remendão de roupas, numa cidade do interior mineiro. Seu primeiro passo na vida é comprar uma alfaiataria. Casa-se com uma branca, vende

a alfaiataria e compra uma fazenda. Progride: vende a fazenda e projeta transformar-se em um grande comerciante, mas acaba preferindo emprestar dinheiro a juros. Vira bicheiro e logo desiste. Planeja a instalação de uma indústria quando, na cidade, começam a urdir uma trama para levá-lo a crer que o mundo vai acabar. Ele termina acreditando, distribui tudo o que tem e fica esperando a explosão do mundo.

FC — Como você se sentiu ao dirigir seu primeiro longa?

CAP — Procurei desenvolver algumas formas já esboçadas no curto *O Milagre de Lourdes*, desinteressando-me em conferir grande expressividade ao enquadramento, à montagem e a outros elementos da narração. Não fiz, apesar disso, um filme morno; tentei evitar a retórica, o brilhantismo aparente, o pedantismo inconsciente. Não

pude levar também em consideração a querela em torno do chamado cinema industrial, do Cinema Novo e do novíssimo cinema independente. Afinal, minhas obsessões cinematográficas achavam-se recolhidas há muito tempo e só agora puderam ser mais plenamente concretizadas, para que eu me situasse religiosamente num dos pólos da questão.

FC — A que gênero pertence *Crioulo Doido*?

CAP — Se é necessário enquadrá-lo num gênero, acho que deve ser a comédia, dentro de uma estrutura próxima da fábula. O destino dos personagens não está condicionado a casualidades singulares, mas despoiticamente determinado por mim. Isto não quer dizer que eu não leve em consideração certas forças constrangedoras da realidade objetiva, mas que recuso a determinação puramente mecanicista dos eventos.

FC — Há alguma colocação da problemática racial?

CAP — Os problemas da ascensão de um negro no Brasil não são colocados de maneira a demonstrar que a estratificação social seja rígida a ponto de impedir que ele nasça pobre e morra rico — embora isso seja o mais provável. Também não me interessou, no caso, promover um exame de direito comparado e mostrar a evidência de que a legislação brasileira não é racista como a de outros países. Mas penso que a questão não se esgota aí. *Crioulo Doido* é um filme moralista, de um branco sobre um negro, mas dotado de uma contradição fundamental: ao filmar certo sentimento secreto, que é a parte da questão não totalmente desenvolvida acima, o fiz com algum deleite, configurando-me na primeira pessoa, e o resultado é um filme alegre, às vezes inconseqüente, e desviado do moralismo da intenção inicial (PSA).

JORGE COUTINHO É O CRIULO QUE QUER MUDAR O MUNDO E ACABA DOIDO. AO LADO, SELMA CARONEZZI

